

Do original norte-americano:
Ethnological Research in Bahia

PUBLICAÇÕES DO MUSEU DA BAHIA

N. 3

MELVILLE J. HERSKOVITS, Ph. D.

Professor de Antropologia e Diretor do Departamento de Antropologia da
Northwestern University.

PESQUISAS ETNOLÓGICAS
NA BAHIA

TRADUÇÃO DE
JOSE VALLADARES



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

1943



NOTA DO TRADUTOR

Aos que se interessam no Brasil pelo estudo das questões relativas ao papel desempenhado pelo africano no Novo Mundo, não será preciso dizer quem seja o professor Metelle J. Herskovits. Também não será preciso falar da feliz oportunidade que para uma instituição se representa, editar um trabalho de sua autoria. "O maior estudioso norte-americano dos problemas do Negro" e "O grande africanista da Northwestern University", assim o chama Stefano Reinos, sucessivamente, em trabalho apresentado ao Segundo Congresso Afro-Brasileiro e no prefácio da segunda edição de "O negro brasileiro". E todos os estudiosos de problemas afro-americanos sabem que não há exagero nas palavras do cientista pátrio. Sabem que, na realidade, é o prof. Herskovits, hoje em dia, uma das maiores autoridades no assunto. Que sua carreira participa do renome científico do seu País de nascimento e das Universidades onde cursou. Que a obra de esclarecimento por ele realizada até agora constitui a mais nobre recompensa recebida pelas Fundações que lhe subvencionaram as pesquisas e uma das melhores contribuições ultimamente prestadas à Antropologia.

Os leitores das publicações do Museu da Bahia, entretanto, nem todos sabem pelo estudo das questões afro-americanas o interesse que seria de desjej em todo homem de ciência, de história ou de letras brasileiro. Se alguns desses leitores ignoram a

importância da obra do professor Hershkovits, isso nada oferece de surpreendente. E a presente publicação terá cumprido a mais satisfatória das missões, caso teve uma pequena porção desses leitores a procurar os livros nacionais que tratam da vida, acomodação e assimilação do estado atual dos africanos neste lado do Atlântico.

Entrando-se em contacto com os mais recentes desses livros, logo se formará uma idéia da influência do professor Hershkovits no campo dos estudos afro-americanos. E se constatará, pela simples citação que dele fazem nossos africanistas, não ser o mestre da Northwestern University apenas o informante seguro, mas também o autor de discriminações utilizadas pelos africanistas brasileiros. As arelas culturais africanas, para ser mais exacto, um exemplo.

Por outro lado, a grande autoridade do professor Hershkovits não resulta puramente de uma inteligência e de uma sagacidade especialmente dotadas para o gênero de estudos a que se consagra, de sua copiosidade de trabalho [org do comum e de sua produtividade científica. Na indagação dos dados fundamentais para o prosseguimento de suas investigações, não hesitou o prof. Hershkovits em abandonar o conforto proporcionado pela civilização americana aos que dentro dela nasceram, e viver durante meses seguidos entre povos ainda por atingir as concepções de bem e mal, de hospitalidade e de crime por nós incorporadas à vida quotidiana. Foi assim no Daomei, foi assim no interior da Guiana Holandesa. Deste contacto de primeira mão, a consequência só podia ser uma nova luz sobre questões controversas, o prestígio decorrente do conhecimento direto de uma realidade essencial para a compreensão de outras realidades ainda mais complexas.

Nessas expedições ariscadas ao reino de povos sobremodo ciiosos dos segredos de sua vida privada, sempre contou o professor Hershkovits com a colaboração de Frances Hershkovits, sua digna consorte. E aqui fazíamos uma comparação de bom sen-

tido brasileiro, dizendo que ela é uma verdadeira Madame Barbosa Rodrigues americana.

Vouando para o Brasil na intenção de ampliar suas observações pessoais sobre os processos de aculturação negra no Novo Mundo, o casal Hershkovits escolheu a capital do Estado da Bahia para principal centro de suas investigações. Durante seis meses de trabalho intenso, descobriu coisas que só mereço um largo trecho de trabalho para poder descrever.

A monografia que a Inspeção do Museu e Monumentos do Estado tem a honra de apresentar agora como terceira de suas publicações, foi lida pelo próprio autor na inauguração das atividades culturais da Faculdade de Filosofia da Bahia, em 6 de maio de 1942. A Diretoria desse estabelecimento de ensino superior detinha, portanto, muitas obrigações pela permissão de ser a conferência publicada pelo Museu, antes de aparecer nos Arquivos da própria Faculdade.

No dizer do professor Hershkovits, foi a conferência "o primeiro e preliminar relatório" de suas pesquisas no Brasil. Embora seja preliminar, os que se acham familiarizados com os estudos afro-brasileiros poderão, no entanto, verificar em suas páginas, não só pontos de vista novos sobre interpretações até então tão na conta de definitivas, assim como referências a certidões não descritas até o momento.

Uma grande honra me foi concedida ao ser dado a mim o privilégio de inaugurar, esta noite, as atividades educacionais da Faculdade de Filosofia da Bahia. Para quem é membro de uma Faculdade, consiste assunto de importância o aumento do número de estabelecimentos de ensino superior, visto como, melhor do que qualquer outra pessoa, sabe que é nesses lugares onde se cultivam os mais belos produtos de nossa civilização, através da pesquisa e do ensino de desenvolvedores, pesquisa e ensino perpenetrados e enriquecidos à medida que passam as gerações seguintes.

Em todo momento, dessa grande comunhão universitária, é que me sinto feliz em apresentar as boas vidas ao grupo formado pela congregação da Faculdade de Filosofia da Bahia, e, antecipadamente, aos estudantes que tiverem a boa sorte de aqui continuar os seus estudos. Desde os primeiros dias de minha chegada, persuadi-me que a Bahia ofereceria uma localização ideal para instituições de ensino superior, convicção que se fortaleceu no decorrer das semanas, com um melhor conhecimento da vida da cidade. Com a forte tradição intelectual que marca a história da Bahia a lhe inspirar e animar os trabalhos, e com a magnífica natureza deste lugar, pode-se prever que a Faculdade de Filosofia da Bahia prosperará e crescerá, fazendo sentir sua influência sempre maior no Estado, na Nação, e onde quer que a cultura livre exerça seus efeitos benéficos sobre a humanidade.

Assim, na qualidade de membro de uma Faculdade irmã, trago os cumprimentos de vossos colegas em outras faculdades, e os meus votos pessoais de êxito em vossa obra; como cientista

Prada
que de
forma
Wagner
Wagner

obter da natureza e do funcionamento das culturas consideradas como um todo.

Entre as situações em que esses controles podem ser utilizados com maior resultado, estão as que envolvem os descendentes de africanos que povoam as Américas. (1)

Temos ou podemos obter informações precisas sobre as origens africanas de seus antepassados. Podemos geralmente descrever como vieram para o Novo Mundo, e como mais tarde viveram sob a influência das culturas de portugueses e de espanhóis de, ingleses, de franceses e de holandeses; como estiveram expostos a essas influências estranhas em graus que variaram do contacto intenso, nas cidades do norte dos Estados Unidos, à quase absoluta falta de contacto, no interior da Guiana Francesa. Podemos ver como tiveram que aprender línguas novas e diferentes. Compreender como sua vida econômica foi transformada na que prevalecia nas plantações de escravos do Novo Mundo, e como foi modificada a estrutura primitiva de suas famílias; como suas religiões tiveram de fazer face ao esforço missionário católico e protestante; como sua arte gráfica e sua arte plástica se tornaram difíceis, ao ponto de sua quase extinção.

Podemos também estudar os fenômenos que resultaram do fato de que nem todos seus contactos foram com europeus, mas que também tanto tomaram como deram dos seus próprios modos de vida às muitas e diferentes tribos locais de índios com que se encontraram. Finalmente, podemos salienta a importância do fato de implicar a situação no Novo Mundo no contacto íntimo entre diversos tipos de africanos. Reuniram-se africanos cujas economias variavam dos sistemas sedentários do Congo ao nomadismo das planícies subdesérticas; cujas línguas incluíam troncos bantus e sudaneses; cujas religiões iam de adoração de pan-

(1) Um exemplo deste problema pode ser visto no trabalho de M. J. Herskovits "O Negro do Novo Mundo como um Tema para Pesquisa Científica", in Revista do Brasil, Ano IV (Nov., 1941), n.º 4, pp. 43-58.

Wagner
Wagner

teons de deuses identificados com as forças da natureza ao mánico; cujas organizações políticas eram tão diferentes que se entendiam desde as pequenas aldeias vizinhas e autônomas aos grandes reinos do Congo, de Iorubá e do Daomé.

Em numero quase demasiado para se referir, ocorrem as problemas quando encontramos essa abertura de material. Quais são as formas africanas de conduta que no Novo Mundo manifestaram sua identidade? E que luz fatos dessa natureza lançam sobre a questão da atitude que se pode esperar de formas culturais tão diversas quando, em outras civilizações, elas enfrentam a experiência universal do contacto e das modificações subsequentes? São os objetos de uso quotidiano do povo resguardados menos vigorosamente do que os intangíveis de sua cultura, tais como os conceitos de moralidade ou as crenças no sobrenatural? E quando os costumes se alteram, em condições e graus variáveis, quais os novos costumes que se criam que novas sanções foram introduzidas, afetando as novas possibilidades de comportamento que resultam? As respostas a perguntas dessas espécies são também fundamentais, aquela compreensão da natureza e do sentido da cultura em geral. Indispensável para se alcançar a meta da ciência social — ~~conhecimento~~ sobre o comportamento social do homem, o qual é, e há de ser, a base para a construção de uma das necessidades mais prementes da humanidade, nos dias que correm.

Em relação aos problemas e teorias acima sumariados, e que devem ser apreciadas as pesquisas que a senhora Herskovits e eu estivermos fazendo aqui na Bahia durante os últimos seis meses, graças a uma subvenção da Fundação Rockefeller e que se devem considerar as observações que se seguem. Para tais pesquisas, a importância do material a ser encontrado na Bahia de há muito que fora reconhecida pelos especialistas como de primeira ordem. Aqui se acha uma das maiores concentrações de descendentes de africanos no Novo Mundo; aqui, além disso, em virtude da tradicional tolerância com que, no Brasil, todas as formas de

vida foram e são enxergadas, conservaram-se numerosas instituições e modos de conduta africanos. O contacto entre a Bahia e a África Occidental, por outro lado, foi mais constante e se prolongou até uma data mais recente do que em qualquer outra região do Novo Mundo; africanos vivem aqui, falando suas línguas nativas, até o começo deste século — fato tão singular no Novo Mundo como o outro, embora menos conhecido, de somente na Bahia, dentro do Novo Mundo, haver-se preservado de maneira apreciável a tradição artística africana da talha de madeira e do trabalho em metais.

Consideramos um privilegio termos continuado nosso trabalho neste lugar. O orgulho da linguagem e seu vivo interesse pelas coisas da África, por parte daqueles de ascendência africana, possibilitaram-nos, através de sua colaboração, estabelecer comparações entre seus modos de vida na Bahia e o que tinha mos encontrado durante excursões feitas entre os guineanos e malis (Gége), e iorubanos (Nagô, Queto, Ixá, Egbá) da África Occidental, e outros grupos do Novo Mundo de ascendência africana, na Guiana Holandesa e no Haiti, em Trinidad e nos Estados Unidos. Por sua vez, a boa vontade dos afro-bahianos em cooperar conosco recebeu um complemento da compreensão e interesse mostrados por outros bahianos com quem discutimos nossos problemas. Por isso não é só devido à riqueza e importância do material que se encontra nesta cidade — material tão rico que cerca de meio ano de trabalho intensivo por nós ambos dá-nos a impressão de haveremos apenas tocado na abundância de dados significativos existentes nesta área — mas também devido ao conforto das relações humanas, e à simpatia com que fomos recebidos, que sempre pensamos deste período com o mais vivo prazer pessoal, assim como com a convicção de sua elevada importância científica.

A esta altura, podemos ainda fazer um esclarecimento preliminar. Está asserido que a investigação científica deve ser baseada numa interpretação dos problemas maiores a que um programa de pesquisas deve contribuir com algumas explicações. Deriva isso do conhecimento geral que se tem não só das ques-

tões que se relacionam com o assunto que se estuda, como também dos trabalhos que foram anteriormente realizados sobre os mesmos problemas. Em Etnologia, porém, muitas vezes não se depára essa vantagem, porque se é pioneiro — porque se tem a esnadar um povo que nunca foi antes estudado. Felizmente, isso não sucede a respeito das pesquisas etnológicas na Bahia. Quanto a nós, dentro das normas da ciência, tiramos todo o proveito da oportunidade de construir sobre as importantes descobertas de predecessores — utilizar seus achados, comprovar suas hipóteses, e assim aumentar o conhecimento existente. Nas observações que se seguem, portanto, o material que reunimos em nosso trabalho será tratado de acordo com sua relevância para cada um dos três maiores problemas da Etnologia, à luz do que se achou previamente e das interpretações que se fizeram.

* * *

No que concerne ao problema da descrção, a cultura dos afro-bahianos recebeu uma atenção considerável de todos que, desde a publicação da minha citada censura de Sívio Romero (2) a respeito da negligência deste importante assunto, trabalharam em fornecer as informações que se precisavam. Os nomes dos pioneiros, Nina Rodrigues e Manoel Querino, são por demais bem conhecidos para necessitarem mais do que a simples menção. Os que vieram depois — Arthur Ramos e o padre Ignace, frei Probasius Frikel e frei Tomaz Kockmeier, Edson Carneiro e Donald Pierson, e outros que contribuíram para os trabalhos dos dois Congressos Afro-Brasileiros — realizaram uma obra de mérito, levando adiante esse trabalho inicial. Entretanto, exceção feita para as análises etno-históricas de Gilberto Freyre, e para os estudos sociológicos de Pierson, toda essa obra acha-se orientada com especialidade para uma compreensão das práticas e crenças religiosas dos afro-bahianos. Este fato tem significações que devem ser apontadas antes de proseguirmos.

(2) Citado em Nina Rodrigues, Os Africanos no Brasil. (2.ª ed.), pp. 11-12.

①
 Pesquisa
 de
 Nelson
 e
 Wilson
 de
 1950
 no
 Museu
 de
 História
 e
 Geografia

Original
Folha Cultural

De um ponto de vista, a preocupação dos estudiosos com a vida religiosa reflete uma situação real. Os cultos de candomblé figuram, para os afro-bahianos, entre os mais importantes elementos de sua existência, tal como é dia a dia vivida na cidade. Isso não quer dizer que essa gente ande atormentada pelo temor, ou que seus pensamentos nunca se afastem dos santos que adoram. Significa porém que, na conversação, as coisas religiosas têm grande vulto; que as festas em que os santos são adorados constituem recreação e desabafo; que as disciplinas do culto são, numa medida apreciável, as disciplinas da vida. Em si mesmo, esse interesse é também um remanescente de hábitos africanos. Porque na África, como, na verdade, em todo lugar do Novo Mundo em que temos trabalhado, o sobrenatural — sua natureza, sua ação sobre a vida dos homens, os deveres dos seres humanos para com seus deuses e as formas como podem ser satisfeitos — tem desempenhado papel saliente. Em toda parte, os dependentes de africanos se mostraram bem mais interessados em discutir teologia e liturgia do que em conversar sobre outros aspectos de sua vida. Além disso, os que se dedicaram aos problemas de sobrevivências africanas na Bahia, naturalmente se voltaram para os costumes que mais diferiam dos seus próprios. E uma vez que é na vida religiosa afro-bahiana onde as divergências se apresentam mais acentuadas, lógico se tornou que elas recebessem um estudo mais intensivo.

Considerar todos os elementos da vida dos afro-bahianos foi o principal propósito deste programa de pesquisa, embora muitos dos problemas encontrados nesta situação urbana apenas pudessem ser tocados, uma vez que requerem a técnica especializada de outras ciências sociais, a que concerne a análise dos problemas de fixação na cidade moderna. Algumas das perguntas especialmente feitas, e parcialmente respondidas, podem ser aqui mencionadas. O que, na vida econômica, resta da África rural, e como tais elementos se integraram nas atividades diárias destes habitantes de cidade? Como as tradições aborígenes, relativas a família, foram modeladas pelas experiências no cenário da Bahia? O que aconteceu às normas de organização e de controle da vida

social, na África reveladas em numerosas sociedades e em outros agrupamentos de diversas espécies, às bem entrelaçadas estruturas políticas e legais das culturas africanas? Até que ponto foi o ciclo da vida — ritos do nascimento e da puberdade, do casamento e da morte, afetado por este novo meio?

No espaço de tempo desta conferência, somente poderemos dar breves indicações das respostas que foram obtidas pelas nossas pesquisas. No plano econômico, a bahiana que vende alimentos cozinhados, às vezes com a colaboração de associados na preparação de sua mercadoria, podendo elix dispor como bem entender do resultado financeiro do negócio, é facilmente reconhecível como uma sobrevivência de hábitos de economia africana. Certas atitudes de cooperação no trabalho de pescadores e de outros, e a tradição de que todo grupo de trabalho deve ter uma cabeça responsável, refletem tradições africanas bem definidas e que foram assimiladas à rotina dos dias atuais. Que tradições similares eram até mais fortes antes do fim do século dezanove, atestam-no as indicações de Manoel Querino, quase as únicas de que dispomos sobre a vida econômica dos antigos afro-bahianos, quando o trabalho econômico era mais propício ao esforço individual em pequena escala, do que na presente organização (3). Do mesmo modo atrair nossa atenção o lado econômico dos grupos de candomblé. Não são somente as despesas dos iniciados no culto, que apresentam um aspecto significativo da vida econômica dos afro-bahianos: a forma por que se presta assistência a principiantes necessitados e a participantes do culto, certos traços que antigamente existiram de cooperativas de empréstimo para

(3) Manoel Querino, *Costumes Africanos no Brasil*, pp. 84-95. Uma sobrevivência africana muito significativa, ora desaparecida e que vem mencionada neste trecho do livro, não recebeu a atenção que merece. E onde Querino fala dos cantos empregando seu tempo livre em um jogo que ele denomina *a-1-a*, *agba* na Nigéria, *ndji* no Camerão, *weri* entre o povo Ashanti. Trata-se de uma das mais características e mais largamente espalhadas formas africanas de recreação, até agora encontrada sob mais de cem formas diferentes em todo o continente e do Novo Mundo. Cf. M. J. Herkovits, "War in the New World", *Annals of the Royal Anthropological Institute*, vol. 1 xii (1932), pp. 23-37.

benefício dos membros, e a permissão, pelo menos em uma casa por nós observada, para as pessoas em estado de precisão viverem no centro do culto, colocam a este em melhor perspectiva e constituem uma das razões de peso, embora até então não se lhe tenha dado o merecido relevo, para a sua continuidade.

No estudo da vida da família, entre os afro-bahianos, tem grande importância a afinidade. Etnologicamente, esta situação há de ser considerada como uma forma válida de casamento, desde que preenche o requisito de ter uma sanção social, e de permitir aqueles para quem outras modalidades de casamento se encontram interditas, ou são por demais dispendiosas, formar ligações duradouras com o objetivo de criar famílias. Existem seus correspondentes em todas as partes do Novo Mundo. Em Trinidad são conhecidas como "keepers" e no Haiti chama-se "placées" a essas mulheres, enquanto nos Estados Unidos a existência de famílias extra-legais revela-se no registro do nascimento de crianças consideradas perante a lei, mas não dentro da sociedade, como ilegítimas. Os diferentes papéis da família materna e da família paterna refletem, na Bahia, outra adaptação em processo de aculturação, especialmente a gradiação dos meninos permanecerem antes com a mãe do que com o pai, quando uma velha união se desfaz. Neste ponto, é clara a conservação de atitudes trazidas da África, onde, no seio da família poligâmica, filhos de diferentes mulheres chamam de pai a um mesmo homem, mas só os "verdadeiros" irmãos e irmãs — os que tem os mesmos pais — chamam de mãe a uma mesma mulher.

Os rituais do nascimento e da puberdade, do casamento e da morte mostram uma adaptação similar a este novo ambiente; os da morte, sobre que colhemos um maior número de observações, são também importantes por documentarem a grande variabilidade que é possível a um conjunto de costumes, quando posto em contacto com outros modos de vida. No caso do falecimento, a participação em um culto de candorável influência amplamente, pois os ritos funerários de um membro do grupo são quase puramente africanos, compreendendo, tanto aqui como lá,

um tratamento meticuloso do espírito do defunto, pelo recio de que ele tome vingança da negligência. Encontramos, porém, um enfraquecimento desses ritos, quando voltamos a atenção para os funerais dos que não mantêm relações com o culto. Entre estes, o enterramento vai se tornando cada vez mais parecido com o de europeus de nível econômico e social semelhante.

No terreno da religião, os pesquisadores que nos antecederam, salvo poucas exceções, descreveram os aspectos mais exteriores da vida religiosa africana; das cerimônias tratadas, por outro lado, quase que somente as "públicas" receberam atenção. É mais uma vez estamos diante de um fato compreensível, visto que o africano é tradicionalmente uma criatura discreta e, possivelmente como toda pessoa "sophisticated", sente que a intervenção faz mal e até pode ajudar a si mesmo, o que ele deixa de dizer. Fica de pé, não obstante, um problema de método, especialmente porque, nas descrições impressas, as informações mais comuns dão ao leitor apenas uma noção vaga das variações que se acham em uso. Procuramos em nosso trabalho, obter uma medida das diferenças, assim como do padrão básico. No caso, por exemplo, da festa que se denomina *lorogun* e que se realiza para fechamento das casas antes da Semana Santa, quando se acredita que os santos vão à guerra, temos de informantes dois relatos completos e nós mesmos estivemos presentes a essa cerimônia em cinco casas diferentes. Todas foram semelhantes, verificamos; não vimos porém duas que fossem idênticas, também deve ser notado.

Até agora, talvez que as únicas informações publicadas sobre as explicações teológicas que justificam as crenças e os ritos praticados — no caso em apreço, as crenças na alma — sejam as apresentadas por frei Protasius Frikel, quando ele se refere às concepções de dois pais de santo a respeito da natureza do espírito do homem e de suas relações com as divindades (*orixás*) e com outros seres a que atribuem a direção do universo (4).

(4) Protasius Frikel, "Die Seelenlehre der Götze und Negé", Santo Antonio, 1914/1941, pp. 192-212.

Além dessas informações, as mitologias tratadas na discussão da religião afro-bahiana são costumeiramente aquelas conhecidas por Nina Rodrigues — os mitos iorubanos da Nigéria, tais como foram revelados por A. B. Ellis. Quanto a nós, tentamos descobrir o conhecimento atual da mitologia africana e a extensão em que essas sobrevivências dão origem a sanções, como acontece em sua terra de origem.

A divisão dos afro-baianos de candomblé em diversas *nações* foi observada desde os primeiros tempos de estudo do culto; entretanto, como já dissemos, esses estudos não são tão profundos como podiam ser, nos pormenores de semelhanças e de diferenças. Algumas idéias preconcebidas respondem por essa falta; entre elas a designação *Côco-Nagô* afastou os investigadores das distinções que existem, subjetivamente no espírito dos membros do culto e objetivamente nas diferenças rituais, entre os daoméanos e os iorubanos. Ainda mais, o próprio termo "Nagô" parece pertencer mais aos estudos do que aos participantes do culto, que se inclinam, pelo menos hoje em dia, a usá-lo escassamente, na hipótese de empurramento. O grupo *Queto*, nome que vem de uma cidade situada na parte extremo ocidental da Nigéria, é a seta maior, mas a seta "Jexá" cujo nome deriva de outra e mais oriental cidade iorubana chamada Ijexá, tem suas práticas religiosas distintas, ao que pode servir de exemplo uma particularidade como o uso dos atabaques para acompanhamento dos cânticos, tocados com a mão e não com as varretas usadas para o ritmo da música *Queto*. Parece que mereceria também um novo exame a tendência recente para se identificar o grupo *Congo* com o grupo *Caboclo*. Em alguns dos grupos *Caboclo*, dá-se ênfase aos aspectos indígenas do culto (Guaraní, sobretudo), enquanto as distinções traçadas pelo próprio povo entre *Congo* e *Angola* demonstram que, para ele, estes termos possuem significação especial, a se refletir em práticas religiosas diversas.

Tais diferenças, todavia, não devem ser sobrestimadas, caso se queira agulhar convenientemente sua importância científica. Embora cada grupo tenha nomes diferentes para suas divindades (*orixás*), o fato de todas elas estarem equiparadas aos san-

tos da seta *Queto* é significativo: indica a unidade original, subjacente às várias culturas africanas, o processo por meio do qual certos africanos predominaram sobre outros, e a relativa ação dos diversos grupos dentro da organização geral do candomblé. Se a similitude entre os santos quanto ao nome, junção e modos de adoração reflete sincrétismos, a diferença entre os mesmos representa a retenção de suas individualidades. Para se observar bem o processo de aculturação, tanto uma como outra devem ser cuidadosamente pesadas.

Esse processo de sincrétismo, tanto entre as setas africanas como entre estas e o catolicismo, está profundamente ligado à tradição africana e do Novo Mundo. Os sincrétismos afro-católicos há muito tempo foram reconhecidos. Anotou-os, na Bahia, pela primeira vez, Nina Rodrigues. Mais tarde, no mesmo lugar, Artur Ramos (5) e outros levantaram diante a análise deste fenômeno. Em Cuba, sincrétismos semelhantes foram descritos por Ortiz, no Haiti-Princé-Mars e Dorsanvil foram os primeiros a apontá-los, e correspondências da mesma espécie encontram-se em certos escritos que tratam da vida dos negros de Louisiana, nos Estados Unidos (6). Os sincrétismos interafricanos não são tão bem conhecidos — e fora da Bahia nunca foram estudados. Mas que este fenômeno representa um traço nitidamente africano põe-se ver no fato de haver sido recentemente verificado que o mesmo processo se opera entre os hausa da Nigéria septentrional, onde esta gente maonétizada identifica seus *ikh* pagãos com os *gins* do Alcorão, da mesma forma que, na Bahia, o Sangô dos iorubanos se acha identificado com o São Jerônimo dos católicos, ou com o Sôgô dos daoméanos, ou com o Zazi dos angolas (7).

(5) Veja-se, especialmente, A. Ramos, *O Negro Brasileiro*, cap. V, sobretudo as listas das pp. 165-168.
(6) Para uma revisão destes assuntos e bibliografia, veja-se M. J. Herskovitz, *The Myth of the Negro Past*, pp. 248-251.
(7) Sobre as correspondências entre os Hausa, veja-se J. Greenberg, "Some Aspects of Negro-Mohammedan Culture-Contact among the Hausa", *American Anthropologist* vol. 43, (1941), pp. 30-42.

Handwritten notes:
sobre o termo
sobre o termo
sobre o termo

Tendo em vista que as cerimônias "públicas" das mais proeminentes casas de candomblé têm sido observadas e descritas muitas vezes, intentamos ampliar o lado descritivo desta pesquisa com a visita a casas menores, e fizemos questão de testemunhar, onde fosse possível, os ritos mais reservados e por consequência menos bem conhecidos. Entre estes, poderíamos citar determinados momentos no ritual da iniciação, tais como a oferta de sacrificios e os talhos sagrados que, pelo resto da vida, "fecharão o corpo" do iniciado às más influências; cerimônias, demonstradas *horé*, em que se fazem ofertas à cabeça de um indivíduo — isto é, ao "dono da cabeça" dessa pessoa, como se chama seu "anjão da guarda"; o tocante rito funerário do *siwain* que se prolonga por toda a noite e que separa de seu grupo a alma do falecido membro do culto; o batismo de um santo caboclo, e o assentamento de outro em uma árvore; demonstrações das diversas técnicas divinatórias, com explicações detalhadas; os *afinês* por que são reconduzidos à vida quotidiana os novos iniciados; o cumprimento de obrigações particulares de diversas qualidades; e numerosos outros ritos. Requer um espaço bem grande a descrição destes ritos em seus pormenores, o que não podemos fazer agora. Em relatos posteriores, porém, esses estudos serão postos ao alcance de outros que venham a trabalhar em pesquisas afro-baianas e que os desejem conferir ou ampliar.

* * *

Quando passamos no fundo *histórico* de nossos conhecimentos da cultura afro-bahiana, achamo-nos em um campo onde as informações são exatas e em profusão. Até os dias de Nina Rodrigues e de Manoel Querino, encontravam-se na cidade e seus arredores, africanos de nascimento. Bastaria perguntar-lhes de que tribo provinham; quanto aos nascidos no Brasil, muitos sabiam, como em número considerável ainda hoje sabem, quais as "nações" a que pertenciam ou seus pais, ou seus avós, ou seus bisavós. Essas pistas iniciais foram admiravelmente seguidas pelos estudiosos que vieram depois, os quais acrescentaram documen-

2
DINÂMICA
CULTURAL

tações históricas e comparações etnográficas ao que tinha sido dito a seus precursores. O penoso esforço de reconstrução da procedência por tribus, que se teve de fazer nos Estados Unidos, quando se trabalhou nesse problema, na Bahia não foi preciso que se fizesse. Na controversia que se levantou sobre a origem bantú ou sudanesa dos costumes afro-baianos, a argumentação dos partidários de ambos os pontos de vista por algum tempo foi reconhecida como encerrando uma certa razão de ser. Claro é porém, como Artur Ramos mostrou de uma vez por todas (8), que nenhum exclusivismo se justifica na análise das proveniências.

Para uma compreensão do passado histórico da cultura afro-bahiana, não dispomos somente das preciosas informações reunidas pelos que se especializaram em questões da área bahiana; temos à mão dados relativos ao mais vasto panorama cultural do Brasil, onde ocorreu esse desenvolvimento histórico local, os quais proporcionam ao estudo um plano de profundidade. A obra de Gilberto Freyre, especialmente, deve ser lembrada a esse respeito, por haver sido orientada de uma forma que permite ao pesquisador do ambiente limitado, projetar seus estudos contra o cenário maior da história social brasileira (9).

Mais segurança, se necessária, quanto às origens dos afro-baianos, poderemos obter, valendo-nos do que se sabe em relação a outras partes do Novo Mundo. (10). Nas culturas de ascendência africana que se acham deste lado do Atlântico, a recorrência de nomes iguais em pessoas, lugares e divindades, e dos mesmos costumes em porções tão diferentes e afastadas do Novo Mundo, permite que se generalizem as observações que se tenham feito, isoladamente, em qualquer uma dessas regiões. No campo da pura pesquisa histórica, nesses diferentes lugares, os pontos de origem das cargas de escravos mencionados são os mesmos, e as mesmas as designações de tribus, nos manifestos dos

Guilherme

Artur Ramos
na pesquisa
na origem

A. Ramos
Comparação
culturas
p. 111
Notas
Apêndice

(8) Artur Ramos, *As Culturas Negras no Novo Mundo*, p. 350.

(9) Com especialidade o trabalho *Casa Grande & Senzala* (10) Cf. as descrições de Artur Ramos, *ob. cit.*, passim.

navios negreiros. Estão, por sua vez, todas essas provas, em accordo com narrações de viajantes da época e de outros contemporâneos que escreveram sobre o assunto. Se ainda desejarmos mais confirmações, a Etnologia comparada as fornecerá. Onde os nomes das tribus africanas sobreviveram, vemos que são derivados de um número relativamente pequeno de tribus; onde os costumes da África foram registrados em forma reconhecível, vemos que vieram destes mesmos grupos africanos.

A razão por que um número reduzido desses grupos diminuiu no Novo Mundo constitui um importantíssimo, embora difícil problema. A resposta dada por um pai de santo à pergunta sobre o motivo por que os de nação Queto haviam diminuído os cultos bahianos — "Porque eles foram trazidos em maior quantidade" — poderá ser a resposta correta no caso da Bahia, a pesar de, ainda assim, ficarmos sem saber como os outros grupos se mantiveram tão bem. Deve-se todavia reconhecer que a questão, como um problema para estudo, na Bahia ~~de~~ é diferente de Haiti onde os daomeanos prevaleceram sobre outras tribus, nem da Jamaica, onde a cultura ashanti foi a que melhor se conservou."

Nessa questão, um dos problemas mais intrigantes diz respeito ao que aconteceu ao patrimônio cultural dos negros do Congo, para todos os lugares importados em elevado número. O fato de na Bahia, os costumes congos haverem sobrevivido mais do que nas outras partes do Novo Mundo, não é uma resposta à pergunta que indaga porque, em geral, tão pouca se conservou. Difícil é aceitar a resposta usualmente dada — que a mitologia e a organização social dos povos bantús, sendo "mais fracas", "menos bem elaboradas" e "menos adelantadas" do que as dos sudaneses, suas tradições cederam em face dos modos de vida e crenças destes últimos, mais estreitamente unificadas e de melhor funcionamento. Dentro da área do Congo acham-se algumas das mais complexas culturas da África; e nenhuma indicação existe de que tivessem sido construídas com um material tão fraco que, por si mesmas, houvessem de curvar-se ao contacto dos sistemas da África Occidental. O que se precisa urgentemente,

hoje em dia, em toda a esfera dos estudos do negro, são pesquisas no Congo. Faltam por completo estudos etnográficos nos domínios de arquitetura; as informações em revistas especializadas são fragmentárias; temos de nos basear, além dessas fontes, nos comentários mais ou menos acidentais de viajantes; e de missionários, de administradores e de outros sem formação científica. Quando dispusermos de informações científicas perfeitadas, poder-se-á prever que um feixe de luz será projetado sobre este problema, não só na Bahia, onde poderá ser apreciado com a vantagem decorrente de uma situação especial, como também em todas as outras partes do Novo Mundo.

* * *

Nesta conferência, só ligeiramente poderemos tratar dos problemas relativos aos aspectos psicológicos da vida afro-bahiana. Nossas observações por outro lado, em vista da natureza do próprio material e do interesse revelado por outros que estudaram os afro-bahianos, serão limitadas ao terreno da vida religiosa, e relacionadas a algumas conclusões de ordem geral zimbábues, ~~de~~ decorrer de nossas pesquisas, especialmente as que se referem a certas interpretações, muitas vezes encontradas nos livros.

Os cultos de candomblé dão sentido à vida e garantem contra os sofrimentos de um mundo incerto — tal é o fato saliente que impressiona ao observador que se aproxima destes cultos com os propósitos objetivos da Etnologia científica. A organização do universo, como é concebida pelos crentes, e os processos que induzem os poderes com as redesas do destino, a revelar seus segredos, e, isto feito, a certeza de que suas prescrições, uma vez atendidas, resolverão problemas urgentes — tudo isso proporciona ao adorador dos santos a segurança de que precisa na sua vida diária.

Em segundo lugar, satisfar o candomblé a uma outra necessidade humana de raízes profundas — a necessidade de uma posição bastante no prestígio. Será saliente contemplar as mãos

ou pais de santo em suas casas de culto, para se ter uma idéia do contentamento íntimo que lhes advem do domínio que exercem sobre os membros do grupo, contentamento este que se ajusta a uma identificação inconcine dos adeptos com os chefes. Ser ogã de uma casa respeitável dá prestígio, dentro da comunidade; ser vodunsi — como se chama o iniciado há mais de sete anos — confere do mesmo modo uma distinção especial. A obediência a normas caracteristicamente africanas favorece a satisfação da necessidade a que nos referimos. O respeito devido aos que se acham numa categoria mais alta, especialmente porque se foi iniciado, ou se foi confirmado ogã há mais tempo, pode servir de exemplo. As roupas especiais que são usadas pelas mulheres participantes do culto, assim como as cadeiras de custo em que se sentam os ogãs confirmados nas cerimônias públicas, são outros tantos caminhos para as satisfações de ordem social de ordem espiritual. A oferta de presentes em cerimônias públicas, onde todos podem ver quem é o maior doador, da mesma forma que o elaborado dispendioso da vestimenta de iniciantes, quando pela primeira vez aparecem em público como membros reconhecidos do grupo, oferecem oportunidades para uma ostentação orgânica de um espírito de competição em nada diferente do que se encontra nas sociedades bem governadas.

Segue ainda o candomblé a outra necessidade, criando valores estéticos. Esta função estética por varios meios se exprime e, para os não iniciados, deriva principalmente das grandes festas públicas a que ocorrem para apreciar. Ai o canto, acompanhado pelos atabaques, agôgôs, cabacas e outros instrumentos de percussão, as danças, as vestimentas, a grande aglomeração de espectadores, tudo se combina para proporcionar o prazer e a tensão emotiva de que, em outras culturas, se encarregam o teatro e o cinema, os concertos e a ópera. Também é neste aspecto da vida religiosa que aparece um dos mais interessantes sincretismos entre os rituais europeus e os africanos. Sob a pressão dos valores europeus, os cultos africanos fizeram sobressair os elementos que tinham em comum com os padrões estéticos da Europa, em suas representações para o público, reservando os as-

pectos menos familiares à experiência européia para os ritos privados, que somente os membros do culto, mas nem todos, podem presenciar.

Uma parte importante da vida religiosa é a disciplina que ela ensinou e exige. Muito instrutivo neste particular é o processo, variável de três meses a um ano, nas seitas mais "ortodoxas", por que novos membros são iniciados no culto. Com a cabeça raspada e o cabelo na posse do sacerdote que dirige o grupo — meio muito eficiente de assegurar controle para o futuro — a esses iniciantes se ensinam os cânticos e os passos de dança, o procedimento adequado diante dos deuses e dos superiores no culto, rudimentos de lingua africana para uso doméstico e até, caso não as conheçam, as receitas e a preparação dos pratos africanos que distinguem a cozinha do candomblé, a maneira de zelar pelas roupas de qualidade especial que irão usar doravante. Suas relações com o chefe do grupo mostram como foi bem preservada a tradição africana de obediência. Porque, na casa do culto, conforme mais de uma vez nos confessaram alguns chefes, quem é novato "conhece seu lugar". Não fala, nem está de pé, não caminha na frente de um mais antigo servidor dos deuses; diante do responsável pela casa, curva a cabeça, abaixa a voz e beija-lhe a mão em cumprimento, quando não se prosta a seus pés. E esta é a disciplina que se observa no que diz respeito aos companheiros, seres humanos do grupo. Quando se trata dos santos, como nunca, as regras são mais rigorosas.

Traz-nos o que acabamos de dizer, a explicações conhecidas, com especialidade numerosas a respeito de um elemento dos cerimoniais de candomblé — a possessão. A possessão pelos deuses é um fenômeno que, desde os dias de Nina Rodrigues, sempre prendeu a atenção dos que estudaram o culto. Natural pois que se tenham feito diversas tentativas para explicá-lo. Do ponto de vista do próprio culto, é simples a explicação e tem sido bastante repetida. Acredita o crente que o santo "apodera-se" de seu adorador. "descenço" em sua cabeça, considerada assento da divindade, e com isso o substitue enquanto a possessão durar,

O essencial aos futuros estudos, tanto aos descritivos como aos interpretativos, é que sejam conduzidos com pleno reconhecimento de que se está estudando uma forma de vida completa e perfeitamente amadurecida. E de se esperar que esses estudos abandonem o critério de se exergar nessa forma de vida qualquer coisa, considerando em curiosidades e sobrevivências, originais, e que passem a fazer esse corpo de costumes, como à entidade cultural que deitaramente é. Com tal ponto de vista orientando as pesquisas e as interpretações, ter-se-ão em reconhecida novas discernimentos, como nos aconteceu nas tentativas que fizemos para compreender essa cultura em termos de suas próprias instituições e do papel que estas desempenham na existência dos que lhe vivem subordinados. Prestará o resultado deste estudo a melhor contribuição, toda vez que se tiver de resolver o principal problema da ciência etnológica, a compreensão do comportamento social do homem.

F I M

Composto e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado sob o n.º 58.809 — 1943. — A fotografia da capa representa objetos da cultura afro-bahiana existentes nas coleções do Museu do Estado.